

Três novas mostras ocupam os espaços expositivos do Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

As camadas pictóricas de Aruane Garzedin propõem uma reflexão crítica sobre territorialidades e exclusões; as obras de Liane Roditi investigam as relações entre corpo feminino, memória e matéria; nas fotografias de Sandra Gonçalves, a poética da imagem sobre a finitude e a existência de forma universal

ARUANE GARZEDIN – “HÁ QUANTO TEMPO NÃO OLHO PARA O CÉU?”



Foto: Mário Grisolí

Com curadoria de Shannon Botelho, a exposição individual *Há quanto tempo não olho para o céu?* reúne cerca de 20 trabalhos – pinturas em acrílico sobre tela, obras em papel, uma instalação e um trabalho têxtil de grandes dimensões – oferecendo um recorte consistente de sua pesquisa sobre as relações entre corpo, espaço e tempo no contexto urbano.

A exposição desloca o olhar para o chão da cidade como superfície de inscrição da vida cotidiana, da memória e da experiência sensível. A partir de camadas pictóricas, fragmentos urbanos e jogos de presença e ausência, as obras propõem uma reflexão crítica sobre territorialidades, exclusões e modos de habitar e atravessar o espaço urbano contemporâneo.

Formada em Arquitetura e Urbanismo, Aruane Gargedini desenvolve, há décadas, uma prática que nasce da observação atenta da cidade e de seus ritmos. Sua pintura se expandiu para o grafite, a instalação e intervenções na paisagem, refletindo processos de apropriação, desgaste e reinscrição do espaço urbano.

Nesta mostra, o foco recai sobre o chão – lugar onde fluxos, apagamentos e permanências se inscrevem de forma concreta e simbólica, por meio de calçadas, sombras, objetos esquecidos, cercamentos e sinalizações organizados por sobreposições de camadas e uma economia cromática rigorosa.

Entre os destaques estão a instalação *Sem gravidade* (180 x 340 cm), em impressão sobre voil, que tensiona

Foto: Mário Grisoli



noções de peso, apoio e desconexão a partir da permeabilidade e da suspensão, e *O solo em comum* (180 x 130 cm), um tapete que propõe uma relação direta entre corpo e obra, evocando o chão como espaço de diálogo atravessado por múltiplas presenças e narrativas. As pedras portuguesas, elemento emblemático da paisagem do Rio de Janeiro, estruturam diversas composições, articulando geometria, objetos ordinários e jogos de sombra sem idealizar a cidade.

Para Shannon Botelho, “*o chão surge na obra de Aruane como origem e destino, território onde se inscrevem tanto projetos de mundo quanto seus fracassos, convidando o público a perceber aquilo que costuma permanecer à margem do olhar apressado*”.

Vivendo entre Salvador e o Rio de Janeiro, a artista estabelece, nesta exposição, um diálogo direto com o território que a inspira, propondo uma experiência de observação desacelerada e crítica sobre nossas formas de habitar, atravessar e sentir o espaço urbano.

LIANE RODITI – “DOBRAS E DESDOBRAS”



Com curadoria de Isabel Sanson Portella, a artista carioca Liane Roditi apresenta sua primeira exposição individual, *Dobras e Desdobras*, no Centro Cultural Correios Rio de Janeiro. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos – entre vídeos, performances, fotografias, instalações, esculturas, pinturas, desenhos e objetos – que investigam as relações entre corpo, memória e matéria, colocando em foco estruturas de silenciamiento, apagamento e objetificação das mulheres.

Formada em dança, Roditi comprehende o corpo como território de experiência, percepção e memória, usando-o como meio de expressão e resistência frente às estruturas patriarcais. Sua prática transita por múltiplas linguagens e materialidades – como pedras, cabelos, fibras vegetais, sisal, tecidos e fragmentos do cotidiano – estabelecendo conexões entre o pessoal e o coletivo em um ambiente expositivo imersivo, onde gesto, matéria e luz constroem narrativas sobre o corpo feminino e suas camadas históricas.

Teia

Foto: Mariana Vieira Elek

Para a curadora Isabel Sanson Portella, “*a força da obra de Roditi reside no movimento e na transformação, em delicadezas que revelam a tensão entre desgaste e permanência, continuidade e finitude*”. Essa perspectiva se materializa, entre outros trabalhos, na performance *Até 120* (2025), que inaugura o percurso expositivo ao pensar o corpo como espaço de acúmulo de tempos, memórias e pesos visíveis e invisíveis, num gesto silencioso entre manter e soltar.

A dimensão de dissolução e apagamento também atravessa o vídeo *Sal*, apresentado em um monóculo, no qual a artista caminha pelo mar à noite até desaparecer na escuridão, intensificando uma experiência de introspecção e silêncio. Já nas instalações com cabos, sisal e fibras vegetais – como *Ossatura* (2026), uma estrutura de 180 metros de fibras, pedras e elementos orgânicos – emergem referências à ancestralidade, ao fazer manual e às histórias de confinamento, controle e resistência dos corpos femininos, evocadas por narrativas como Santa Bárbara e Rapunzel.

Entre outros destaques estão *Vertebrada* (2024), um véu de 18 metros bordado com pedras de rio que remete à coluna vertebral e ao peso historicamente sustentado pelas mulheres, e *Campo de Forças* (2025), instalação de fragmentos corporais em gesso que tensiona a relação entre emergência e aprisionamento, em diálogo com o conto *O Papel de Parede Amarelo*, de Charlotte Perkins Gilman. Com iluminação de baixo contraste e uso expressivo de fibras e pedras, a ex-

posição transforma o espaço em uma composição contínua entre corpo e matéria, propondo um percurso sensível entre resistência, memória e transformação.



Em cima: *Linha ténue*; embaixo: Vídeo *Vertebrada*

SANDRA GONÇALVES – “TESSITURAS DO ADEUS”



Com curadoria de Letícia Lau, a mostra reúne imagens impactantes que convidam a um mergulho sensível nas complexidades da vida e da morte. A artista visual e fotógrafa Sandra Gonçalves aborda poeticamente a transitoriedade, fundindo fotografias autoriais e achados digitais em composições híbridas que transcendem o tempo e constroem uma narrativa de despedida e memória.

No texto curatorial – *Uma poética da fotografia sobre o tempo e a finitude* – Letícia Lau afirma que a exposição é mais do que uma série de fotografias da artista. Para a curadora, a mostra constitui um ritual de despedidas.

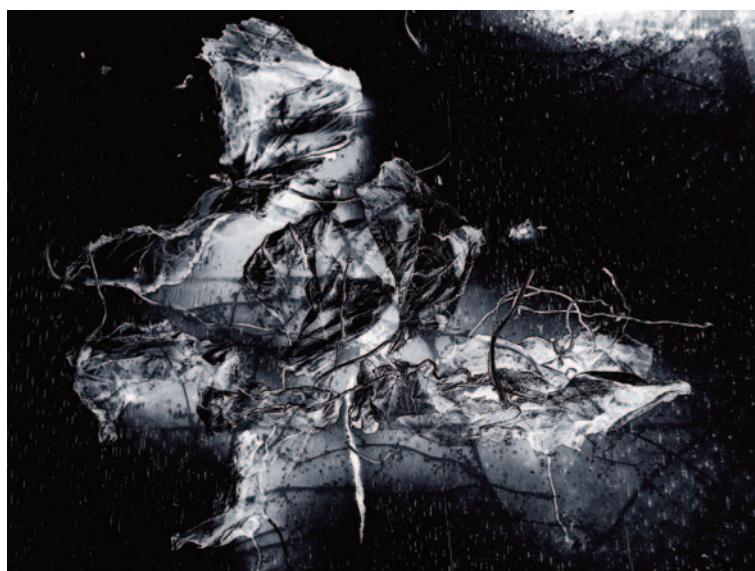
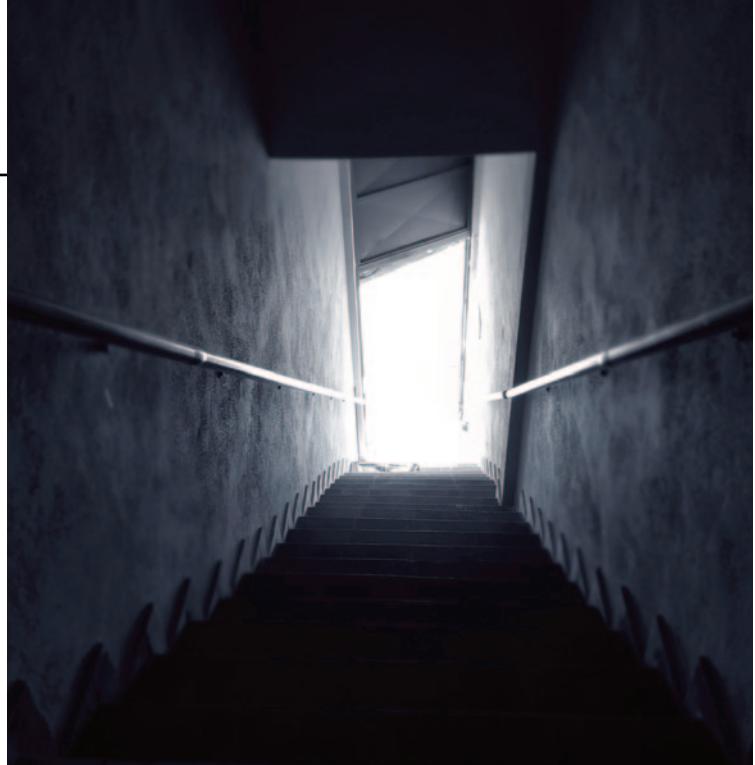
“A partir de uma experiência pessoal, a artista transforma o cotidiano em um campo de reflexão sobre a finitude, convidando o público a atravessar as fronteiras entre vida e morte por meio de imagens que revelam a profundidade da experiência humana. A poética da exposição dialoga com as ideias de Martin Heidegger, para quem a consciência da morte molda a forma como existimos. Assim como o filó-

sofo propõe a finitude como chave para uma vida mais autêntica, as imagens de Gonçalves conduzem o espectador a confrontar a fragilidade, a transitoriedade e o sentido da própria existência.

As obras reúnem registros de momentos fugidos em ambientes hospitalares e outros espaços ressignificados, combinados a achados digitais em composições híbridas que atravessam tempos e territórios. Por meio de sobreposições e palimpsestos visuais, a artista constrói uma trama de memórias, em que cada camada funciona como uma tessitura de experiências e afetos.

A exposição organiza-se como uma “*frase-imagem*”, conceito inspirado em Jacques Rancière, estruturada em três momentos: as metáforas da aranha e do tempo, as imagens da espera e da fragilidade do ser, e, por fim, aquelas que abordam a finitude e a sublimação, em uma atmosfera etérea e espiritual. Nesse percurso, a fotografia opera como um gesto de resistência ao apagamento, preservando instantes que se transformam em lembrança, saudade e permanência.

Pesquisadora e professora da UFRGS, Sandra Gonçalves desenvolve uma obra centrada no tempo, na fotografia e na finitude, temas recorrentes em sua produção artística e teórica. Em *Tessituras do Adeus*, ela cria um tempo suspenso, onde o efêmero e o perpétuo se entrelaçam, oferecendo ao espectador uma experiência imersiva que reafirma o poder da imagem de transcender a perda e afirmar a vida.



SERVIÇO

“Há quanto tempo não olho para o céu?” – Aruane Garzedin

“Dobras e Desdobras” – Liane Roditi

“Tessituras do Adeus” – Sandra Gonçalves

Até 14 de março

Centro Cultural Correios Rio de Janeiro

Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita | Classificação: Livre

Acessibilidade: adaptado para pessoas cadeirantes